

CBD0247 – INTRODUÇÃO À MUSEOLOGIA

Aluna: Beatriz Martins Camões

Nº USP: 7635366

RELATO CRÍTICO

considerando as palestras do ICOM 2013:

- [O Museu e a condição humana](#)
- [O que deve acontecer quando você sai do museu](#)
- [Palestra do José Wisnik](#)
- [Os tempos que há no tempo](#)

As palestras do ICOM a que esse relato se refere trazem diferentes perspectivas sobre o museu. As abordagens vão das mais teóricas às mais práticas.

Podemos começar pela fala de Ulpiano Bezerra de Meneses, antropólogo, historiador e museólogo. A palestra talvez seja a mais importante dentre as analisadas, pois é justamente no momento de abertura do ICOM 2013; um momento de definição do caminho a seguir, de apresentação de propostas e ideais. Por isso, dedicarei a ela mais espaço, inclusive por ser fala delineada de forma concisa e brilhante.

Para apresentar seu ideal, o Prof. Ulpiano de Meneses, contando já com meio século de compromisso institucional com museus, inicia sua exposição de forma humilde, se propondo a traçar a relação entre o museu e a condição humana – o que é natural uma vez que o Professor é um estudioso humanista. Segundo ele, a importância do museu “deriva de seu potencial como plataforma”. Partindo da premissa de que *temos um corpo*, sensível, ele pretende se limitar a tirar consequências de nossa necessidade (do homem) de ter museus. Só que seria preciso falar de fora dele para falar da condição humana.

Portanto, fez-se necessário pontuar que a experiência humana é *corporal*. Temos e somos um corpo, é o que o palestrante busca defender. Temos sentidos, e assim somos uma vida biológica, sensível, social.

Porém, não se pode ignorar a espiritualidade, alerta o Professor. Podemos reconhecer que há um materialismo espiritualista, pois nota-se muitas vezes que a imaterialidade se expressa pela materialidade, por exemplo numa oração em que observamos o movimento silente dos lábios. Nem a materialidade (que pode ser transcendida) nem a espiritualidade devem ser ignoradas.

Daí parte o pensamento de Luhmann apresentado na palestra. Somos como que enfeitiçados pela palavra. Porém, segundo observação posterior do palestrante, quando convertemos coisas em palavras, algo se perde. Mas a sensorialidade estaria num nível hierarquicamente inferior à reflexão (como seria isso possível, dados os aspectos do ser humano já mencionados?).

O preconceito vem sendo rebatido pela sensorialidade estudada em diferentes ramos das ciências humanas. Aliás, o Professor pontua que, enfim, somos humanos! Não somos animais, temos a percepção dos sentidos. Eis que acontece a incorporação da multi-sensorialidade à materialidade humana. Segue-se que percepção e ação são vinculadas, e o uso dos sentidos necessita de aprendizado sociocultural, aprendizado das instituições, poder-se-ia dizer. Ressalva-se apenas que não se deve limitar esse aprendizado à educação da sensibilidade; é preciso ir além. Assim é que o viés crítico da palestra passa a ser construído.

O museu *daria sentido* ao mundo como sensível, afirma o Professor. E como conciliar isso com o fato de que cada vez mais se fala em museu sem acervo? E mais, deixa-se de lado a discussão sobre o museu no mais das vezes não lograr em tocar os sentidos.

Observe-se que as coisas não são portadoras de suportes inodoros, insossos, enfim, neutros (e grande ênfase, nesse ponto da exposição no ICOM, é dada a esse aspecto do material). É aí que entra a referência feita a Belting e à antropologia das imagens. Imagens não *estão* em algum lugar, não existem por si mesmas, elas *acontecem*. E pensar nas imagens como algo que existe abstratamente é em grande parte culpa dos museus.

A essa altura da exposição de Ulpiano de Meneses, parece haver uma contradição em sua fala. Os museus seriam a salvação, mas também os culpados pela negligência da materialidade, e portanto da sensorialidade do ser humano? No entanto, não se trata de contradição. Trata-se de erros na forma de pensarmos, de encararmos o museu. Por exemplo:

deve-se reduzir a primazia do elemento textual no museu. Acabamos com importantes exposições de legendas, com espécimes exemplificativos (as imagens). O comentário irônico e genial do Professor leva-o a concluir: não se tem refletido profundamente sobre a *exposição* (fico muito tentada a lembrar de Lina Bo Bardi – seu trabalho girou em torno de construir justamente diferentes maneiras de expor, não só no interior do museu mas em espaços como o Sesc Pompeia, que exigia a exposição *do que já estava lá*). A exposição exige que se pense na relação entre espaço (ou talvez o termo mais adequado fosse ambiente) e imagem. E o museu quase sempre reifica, coisifica, favorecendo o esquecimento – isto é, não trabalha com a potencialidade da memória humana.

A nossa memória sensorial não poderia ser dessa forma desrespeitada e confinada. O *corpo humano* é recurso de transmissão de memória. É, porém, negligenciado. O paradigma textual parece, muitas vezes, ser o único seguido em museus. A oralidade, por exemplo, é via de regra convertida em texto. E isso é questionável. O testemunho *oral* perde importância.

Um interessante ponto também levantado é como se trata a imagem atualmente. Para tanto, o palestrante conta a anedota do bebê (cujos pais querem mostrar a fotografia estando ele lá). Talvez um dos maiores exemplos do tratamento da imagem como *aquilo que existe*, como *a verdade*, seja a popularização da rede social Instagram – as fotografias *são* o nosso mundo, imperam sobre nossa interação social. Verifica-se curioso contraste com uma das premissas de Ulpiano de Meneses, a de que “somos um corpo”. Talvez o Instagram seja mais um indício de que instituições como o museu têm falhado, ainda que elas próprias possam levar à superação do desencontro do homem com sua sensorialidade, tal qual o argumento do Professor.

E ainda, no curso de sua fala, o palestrante trata da memória como decorrência do corpo. E a junção de fazer e pensar como decorrência disso tudo. É o violinista, que toca sua música aparentemente sem pensar, mas por meio da memória (e por meio do corpo que lhe permitiu adquirir aquela memória), exemplo de que o sujeito que constrói “é construído pelo objeto”. E de que o próprio conhecimento deve ser entendido como *encarnado*.

Enquanto a linguística é apresentada como tomando uma posição mais voltada ao empírico, a tendência gradual em vários ambientes é de “terceirização dos sentidos”. Nesse contexto é que surge o *Google glass*, que usamos para ver o que é informado – e só.

Atualmente, o investimento é no capital financeiro. A própria mercadoria é desmaterializada. Ela é destacada da substância tangível. Junta-se a isso a biotecnologia. E

junta-se a tudo isso a ausência de espírito crítico em relação a tais fatos – há o risco de exclusão, ainda mais do que atualmente. Exclusão também da política, à qual a cultura visa a substituir (note-se que a ênfase na cultura é louvável, no entanto não seria ela a substituta ideal). E assim observa-se que a atual sociedade é a “sociedade da imagem”, um dos efeitos mais perversos das tendências mencionadas.

Um último apelo do palestrante é no sentido de que o museu é espaço privilegiado para suscitar perguntas, bem mais do que respostas. Se Ulpiano de Meneses busca um espírito crítico, o museu pode ser lugar para ele. “Não dissociemos mão e cérebro”, conclui o Professor.

A complementar a primeira palestra, segue-se a de Jorge Melguizo, ex-Secretário de Cultura de Medellín. Partimos da perspectiva humanista do museu para a perspectiva *urbanista* do mesmo, para definir *O que deve acontecer quando você sai do museu*. Esse palestrante se propõe a pensar na cidade de Medellín, na forma em que foi ganhando importância, para então explicar o museu nesse contexto (de mudança social).

A cidade de Medellín foi transformada. Transformou-se em dez anos. Melguizo traz a imagem de cidade “violentada”, portanto, pois se era uma cidade com altos índices de violência, as causas não podem ser banalizadas pela afirmação de ser ela “violenta” – seria, sim, “violentada”, pelo governo, pela negligência, pela falta das políticas públicas que, quando vieram, puderam transformá-la.

A transformação social então foi inacreditável. As instituições puderam ter a confiança nelas refeita, retomada. Foi necessária a intervenção de sociedade civil junto ao governo, para a “recuperação do orgulho de cidade”.

O palestrante recorre à projeção de coloridas imagens ilustrativas conforme fala de todas as mudanças destacadas – algo ingênuo, porém não despedido de sua importância. Trata-se da ilustração desse orgulho de que fala. A cidade parece ter-se reconstruído de modo a não deixar vestígio de um tempo em que era “violentada”.

Jorge Melguizo apresenta cenário em que a maioria das pessoas não se sente confiante ao entrar em um museu – é difícil saber como se comportar, o que fazer nas salas, o que fazer quando terminar, tudo isso parece incerto –, as pessoas sentem-se intimidadas naquele espaço, diante da reverência aos museus. Pode-se passar por um museu e não se sentir parte dele.

Ou seja, sua crítica é em relação à população negligenciada, que não parece *fazer parte do museu*. O museu não é invocado quando pensamos na vida cotidiana – pelo menos é esse o cenário mais comum.

E mesmo assim as pessoas ultrapassam suas portas.

Talvez, segundo o palestrante, seja agora o momento de ressignificar o museu e reconstruí-lo. O museu é preservador de patrimônio ou deve ser construidor de novos patrimônios? Mais uma vez é levantado o tema de sala de exibição *versus* espaço cultural. E questiona-se a respeito das curadorias de que necessitamos para esses novos modelos, para reduzir a distância entre o indivíduo e o museu. A própria figura do curador é complexificada; não é possível fazer generalizações. Ainda assim, essa figura necessita ser repensada.

E qual é o papel dos museus, do qual parecemos estar muito distantes?

Não é o de apresentar a estética pela estética. Melguizo diferencia projetos estéticos de projetos éticos; os primeiros tinham sido anteriormente foco dos governantes de Medellín. Porém estavam longe dos projetos sociais. Estavam ultrapassados. E para que os museus possam se inserir no projeto político, é necessário que se observe e se contemple o público.

Os museus devem “sair do afã de suas próprias coleções”. Esse aspecto dos museus, aliás, é gritante no momento de crise pelo qual passa a Europa. Melguizo sustenta que a crise é política, ética e cultural (não só financeira). O aspecto cultural é o aspecto da “crise da indiferença”. Ou seja, o patrimônio cultural é deixado de lado.

Nesse momento, um parêntese da fala de Melguizo. Dentre os “Paulos” brasileiros, Paulo Coelho é mais conhecido do que Paulo Freire. Isso leva a uma descrença nos indicadores culturais. Mede-se a quantidade de livros que se está lendo, mas não a qualidade (se é um Paulo Coelho ou Paulo Freire). As cifras também não são garantias: o McDonald’s por exemplo promove muitos investimentos, mas não em algo realmente valioso. O museu, nesse contexto, deve ser comunitário, ligado ao público e tem responsabilidade pelo conteúdo que nele se apresenta. Devem tentar diferentes recursos, “acabar com posturas unânimes”.

Nisso, o papel dos curadores pode ser retomado. Devem mudar a arte de lugar, eventualmente “matar” a arte para que possa haver apropriação da *cultura*. A dessacralização dos museus também passa pela dos curadores; devem eles conhecer o entorno para melhor atuarem. Resumindo: a política não pode estar por fora dos museus.

Se não for observado isso, a arte se esvazia, pois não está ela desligada da política, segundo o palestrante. E afinal, o que acontece quando se sai do museu? Como é a pessoa que sai? A pessoa sai do museu enquanto indivíduo pensante capaz de modificar sua vida, tanto individualmente quanto em sociedade.

O aspecto mais prático das palestras do ICOM aparece na fala de José Wisnik. Responsável pelo terceiro andar do Museu da Língua Portuguesa, situado numa antiga estação ferroviária, traz os elementos da ambientação do museu em seu discurso. A língua pelas paredes, teto, chão de um espaço. Em recente exposição sobre o futebol, aliás, foi bem usado esse conceito – o museu trabalha com o lúdico, com um jogo para que os visitantes conheçam expressões linguísticas derivadas do jogo de futebol.

Wisnik foi o desenvolvedor da “Praça da Língua”. Uma vez que a língua é matéria de trabalho de sua curadoria, tem-se novamente o questionamento *do que deve ser* exposto, já que a exposição é sobre o intangível. Portanto, o palestrante explica como optou por criar um verdadeiro ambiente em que a poesia brasileira é oralizada logo que o visitante entra, sendo possível ouvir versos do grande poeta Carlos Drummond de Andrade recitados em diferentes entonações, na voz de um ator.

O poema de Drummond representa só um dos módulos dessa genial expografia. A contribuição de Wisnik foi justamente de trazer à palestra um pouco do que é o Museu da Língua Portuguesa. É interessante notar que, à medida que o palestrante percorre os módulos do terceiro andar do museu, nem todos os elementos do que apresenta dependem do conhecimento da língua – o próprio Wisnik recomenda que se preste atenção na musicalidade da língua. E assim, ele percorre seu trabalho, que segue nas mesmas linhas do poema de Drummond com variações de autores e de certas ideias ao longo dos módulos – há Clarice, João Cabral de Melo Neto, dentre outros. Apenas não me estenderei por julgar importante um pouco mais de ênfase na palestra de encerramento.

Mia Couto também apresenta uma perspectiva muito interessante. Sua visão é crítica e pautada pelo tema do ICOM (“Memória + Criatividade”). Propõe ele ser o tempo “a verdadeira matéria do museu” – e é nesse sentido que desenvolverá sua reflexão, baseando-se nas relações entre museu e os tempos diversos, ainda que haja diversas noções de tempo, uma diferente concepção para cada diferente indivíduo. O renomado escritor moçambicano é espectador do museu, como ressalta, pois na realidade é atuante em outra área (que seria a literatura, embora trabalhe também junto ao Museu de História Natural de Maputo).

O palestrante conta então uma história que bem retrata o que tem sido não só o museu, como também o curador. A primeira pessoa que foi considerada curadora teria sido uma princesa e sacerdotisa babilônia, filha do último monarca que organizou uma porção de artefatos que faziam parte de uma coleção, com ênfase no tempo. Ela criou um verdadeiro “templo do tempo”, ideia que permeia toda a fala do escritor.

Ainda, Mia conta uma história sobre como visitou um “museu” mesmo sem haver nenhum em sua cidade natal – a casa de sua amargurada vizinha portuguesa, onde o menino compreendeu que não era a vizinha que guardava os objetos, e sim os objetos que a guardavam, formando “um templo de um tempo viúvo”. Podia-se, numa cidade em que aparentemente não existiam museus, “ir ao museu” sem sair da própria rua. A noção lembra muito aquela do romance “O museu da inocência”, de Omar Pahmuk, em que um homem constrói um pequeno museu dedicado a sua amada. O que Mia conclui é que vamos ao museu para nos vermos a nós mesmos.

A grande crítica feita então é à sociedade atual, imediatista. Nunca o atual foi tão efêmero, até por isso a pergunta de sua filha mais nova sobre se teria sido o tempo passado melhor. Mia não tem mais certeza da resposta que deu à época, de que o futuro naquela época passada parecia melhor. Mas afirma que há diferentes “tempos”, não só o linear, que faz parte do senso comum.

Das palestras, esta foi a mais curta. Mas a conclusão foi a de rechaçar o “templo” do tempo. O museu deve ser a todo tempo repensado. E concluindo, faz questão de enfatizar o que Melguizo já havia dito – deve-se rejeitar soluções simples, pois na realidade é complexo fazer um museu que seja próximo do público, o que Mia defende, assim como o colombiano. Assim, finaliza de forma bastante crítica sua fala, apresentando a percepção de que a era contemporânea, dos gadgets, rejeita o modo de “vermos a nós próprios” que o museu nos permite alcançar.

Assim, pode-se concluir que as quatro palestras foram bastante complementares. O museu é visto dos pontos de vista: humanista, urbanístico, pragmático e lírico. A criatividade logrou, portanto, ser um dos pontos fortes do ICOM 2013.